

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER**

**THAIS CRISTINA SANTOS DE SÁ CABRAL GUTIERREZ**

**AS RELAÇÕES DE CUIDADO: PESSOAL, SOCIAL E AMBIENTAL**

**Rio de Janeiro**

**2014**

**THAIS CRISTINA SANTOS DE SÁ CABRAL GUTIERREZ**

**AS RELAÇÕES DE CUIDADO: PESSOAL, SOCIAL E AMBIENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadora:

Profª Esp. Elaine dos Santos Caetano

Rio de Janeiro

2014

G9844r	<p>Gutierrez, Thais Cristina Santos de Sá Cabral</p> <p>As relações de cuidado: pessoal, social e ambiental / Thais Cristina Santos de Sá Cabral Gutierrez. – Rio de Janeiro: ISEPS, 2014. – fl. il.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2014. Orientador: Profa. Esp. Elaine dos Santos Caetano</p> <p>1. Educação. 2. Educação Infantil. 3. Cuidado. I. Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.</p> <p style="text-align: right;">CDD 372</p>
--------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

**THAIS CRISTINA SANTOS DE SÁ CABRAL GUTIERREZ**

**AS RELAÇÕES DE CUIDADO: PESSOAL, SOCIAL E AMBIENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Defendido e aprovado em 2 de dezembro de 2014.

**EXAMINADORES**

---

Profesora Esp. Elaine dos Santos Caetano  
Orientadora

---

Metodologia de Pesquisa II

## LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 11 de novembro de 2014.

**THAIS CRISTINA SANTOS DE SÁ CABRAL GUTIERREZ**

## DEDICATÓRIA

Primeiramente a Deus, autor da minha vida e que sem o auxílio eu não teria saúde e paz para realizar esse trabalho.

Dedico a minha família que ao longo desse processo de três anos me apoiou, cuidou e incentivou para que eu não desistisse. As minhas amigas que todas as noites me aguardaram ansiosas retornar para casa após a aula: Minha avó Altair dos Santos, minha mãe Altair Cristina Santos e a minha pequena notável irmã Ana Claudia Cabral.

Ao meu marido pelo incentivo desde o início, quando éramos noivos. Todo o apoio e ajuda para ingressar na faculdade principalmente nos momentos iniciais marcados pelo turbulento memorial, entrega de documentos e realização da prova. Deu vontade e até teve breve sentido de desistir, mas ele não deixou.

Ofereço esse trabalho também a todas as minhas colegas de trabalho que no nosso único momento de conversa, silenciaram inúmeras vezes me permitindo estudar.

E por fim as crianças, que desde sempre foram meu objeto de pesquisa, reflexão e ação. Dedico a elas todo meu cuidado, atenção, amizade, ajuda e tudo que demais puro possa existir para oferecê-las. Minhas inspiradoras mais que preciosas espero ter contribuído na vida de vocês, ter deixado marcas positivas de cuidado e educação.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS), nas pessoas de seus funcionários e seus professores. Sem o olhar atencioso de cada um de vocês, não conseguiria mudar o meu próprio olhar para a educação. Agradeço cada texto, filme, palestra, música que vocês me apresentaram durante essa trajetória e que ampliaram o meu conhecimento.

A professora Elaine Caetano enquanto professora me levou a grandes reflexões durante suas aulas. O seu vigor, a sua disposição, a sua energia que me impulsionaram a tomar novas atitudes, gerando mudanças na minha prática pedagógica. E enquanto orientadora me ajudou a refletir, questionar e buscar fundamentações teóricas sobre o tema dessa pesquisa.

Ao meu esposo, amigo e companheiro Antonio Gutierrez que contribuiu doando seu tempo para me auxiliar na digitação e impressão de materiais para a construção desse trabalho. Bem como apoio e incentivo em outras tarefas, para que assim eu dedicasse um maior tempo a reflexões e leituras.

A todos vocês mais uma vez o meu muito obrigado.

**"Como vou saber da terra,  
se eu nunca me sujar?  
Como eu vou saber das gentes,  
sem aprender a gostar?  
Quero ver com os meu olhos  
Quero a vida até o fundo  
Quero ter barro nos pés  
Quero aprender o mundo"**

**Pedro Bandeira**

## RESUMO

As relações de cuidado que cercam as Instituições de Educação Infantil são marcantes, significativas e bem singular, é com a presença do cuidado (dar) que as práticas pedagógicas se constituem no cotidiano escolar. A fim de perceber esse movimento, realizei este estudo observando, registrando e refletindo sobre as ações dos professores e auxiliares perante a realidade do cuidado pessoal, relacional e ambiental na Educação Infantil.

**Palavras-Chave:** Educação infantil. Concepção democrática de educação. O cuidado e suas dimensões. Prática pedagógica.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>1 CUIDAR</b>	<b>16</b>
1. 1 História	16
1. 2 Teoria e prática	19
<b>2 CUIDADOS</b>	<b>26</b>
2. 1 De si/ PESSOAL	26
2. 2 Do outro/SOCIAL	28
2. 3 Do ambiente/ AMBIENTAL	29
<b>3 EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS</b>	<b>36</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>49</b>

## INTRODUÇÃO

O meu interesse pelo tema cuidado foi suscitado nas aulas do ISEPS no ano de 2013, pela professora Elaine Caetano, que abordou o assunto através da Léa Tiriba e as três ecologias de cuidado (comigo, com o outro e com o meio). Já na disciplina da professora Claudia Sabino, me flecharam as aprendizagens realizadas fora da sala de aula nas aulas-passeio da pedagogia de Celestin Freinet . Por fim, o poema de Madalena Freire - Aprendizagem do Olhar -, trouxe mais uma vez à tona esse olhar observador para minha prática.

Como ela mesmo diz: “Olhar que pergunta sobre o objeto do conhecimento”. Olhar, segundo essas referências, é cuidar, quando olhamos estamos atentos para as necessidades do outro e percebemos as suas singularidades.

A instituição em que me encontro inserida é o Espaço de Desenvolvimento Infantil Parque da Alegria, localizado dentro da comunidade Parque da Alegria, bairro do Caju, no município do Rio de Janeiro. A minha pesquisa de campo será realizada na turma de maternal I, com crianças de 2 a 3 anos, onde exerço a minha prática educativa como Agente de Educação Infantil.

Porém, o meu olhar tem sido direcionado para toda a instituição. Venho observando e registrando falas de outras crianças e educadores, que, para mim, retratam a ausência do tema em questão. Trago esses relatos para minha pesquisa para confrontar com a teoria, e compreender mais profundamente o que venho percebendo em minha rotina, a respeito da dicotomia entre cuidar e educar.

O cenário da educação está dividido entre: as atividades de cuidado, que são delegadas para as pessoas de menor salário e cargo, diferentemente daquelas consideradas educativas, que são realizadas apenas por professores, coordenadores e etc.

Também, passeando pelos corredores e salas, ouvi e vi a necessidade de propostas que permitam a exploração e o contato da criança com o mundo, relação com tudo que há além das quatro paredes da sala de aula.

A prática do cuidado se inicia conosco, se estende para os outros e culmina na natureza. Cuidado é zelo, preservação. Quando cuido, posso até não amar, mas é imprescindível respeitar.

Mas, como respeitar, preservar a natureza se não nos relacionarmos com ela?

Somo seres da natureza, muito antes de nos tornarmos culturais, mas como cuidar de algo que não estabelecemos contato?

Enquanto não assumirmos que fazemos parte da natureza. Que compomos a cadeia alimentar e que somos integrantes desse grande ciclo vital, não seremos capazes de amar e cuidar.

Amamos, só cuidamos daquilo que é significativo para nós, de que ou de quem somos próximos.

Ao passo que vamos crescendo, nos enchendo de leis, concepções, teorias e conhecimentos científicos nos afastamos de nossa origem. Não mais nos reconhecemos como parte, frutos dela: a mãe natureza.

Mas, o nosso sistema educacional nos aprisiona, nos empareda. Como despertar nas crianças a Paixão de Conhecer o Mundo, se elas não ultrapassam os limites de suas salas de aula?

Cuidar é uma atitude de envolvimento afetivo, que vai além de nós mesmos, alcançando dimensões da esfera pessoal, social, ecológica e espiritual. É parte da essência do ser humano. O Homem é o único ser vivo que tem uma dependência fundamental do cuidado. Desde o seu nascimento é totalmente dependente do cuidado do outro.

O ato de cuidado é um aprendizado contínuo. Podemos aprender a cuidar de nós mesmos atendendo as nossas necessidades autênticas; ter coragem de pedir e aceitar ter cuidado; cuidar do outro buscando uma sintonia que requer entrar em intimidade para captar as necessidades do outro numa convivência amorosa; cuidar do nosso planeta Terra e da vida em todas as suas manifestações como propõe a cultura biocêntrica. (GÓIS, 2008 p. 53).

Por fim, é com observações da prática e fundamentações teóricas, que buscarei responder a essas e tantas outras questões que circundam as práticas de cuidado dentro das instituições de Educação Infantil.

Considero um assunto relevante para repensar a prática educativa na Educação Infantil e as relações que emanam desse contexto.

Nossa realidade social está imersa em um consumismo desenfreado, resultando em relações egoístas e individualizadas, e o desprezo e o desperdício dos bens naturais. É importante refletir sobre os cuidados que dispensamos com todos os educadores presentes na instituição, com as crianças, com os responsáveis das crianças e com o meio que nos encontramos inseridos.

Cabe a nós educadores, que estamos inseridos na base constituinte dos cidadãos, um trabalho de exercício diário acerca de promover meios para que as crianças experimentem esse tipo de cuidado, que realmente olha o ser em sua mais profunda singularidade e o respeita. Desse modo, elas cuidarão de si, dos seus colegas em sala, do espaço da sala de aula, da instituição e de tudo mais que preencha esse universo escolar. Pois se sentirão pertencentes, amadas, valorizadas e começarão a fazer o mesmo.

A mudança que queremos para o planeta, para a sociedade, deve começar em nós, em nossos pequenos cidadãos.

Em minha prática diária, venho buscando exercitar o cuidado para com a identidade de todos presentes no espaço da instituição escolar. Me dirijo aos responsáveis, educadores, crianças sempre pelo nome E desse modo estreito as relações e realizo trocas confiantes e positivas.

A partir dos seguintes objetivos desejo contribuir para:

# Estimular um relacionamento afetivo e cuidadoso entre todos envolvidos no espaço;

# Favorecer o cuidado comigo, com o outro e com a natureza;

# Explorar com zelo a natureza;

# Ensinar e aprender fora da sala de aula;

# Cuidar da família, das relações de parceria e crescimento;

# Evitar falas que depreciem o outro.

Em minha trajetória de educando jamais experimentei os instrumentos metodológicos, meu aprendizado não se construiu na base da observação, registro, reflexão e avaliação . Dentro desse campo infértil, cresci e me constitui

educadora, diante de uma concepção de educação centrada nos resultados e aprovações á cada ano letivo.

Durante as aulas aqui no Instituto Superior de Educação Pró Saber (ISEPS), tenho experimentado o os instrumentos metodológicos que promovem uma concepção de educação democrática . Que dá voz e vez ao aluno .

O planejamento flexível e que atende as necessidades do grupo, respeitando ao mesmo tempo as singularidades de cada sujeito.

A observação atenta do professor e de seus observadores, envoltos em um dinamismo de escuta e atenção diante de todos os movimentos da aula.

A reflexão da própria prática de ensino, que constitui uma avaliação constante do educador, dos educandos e do planejamento.

Um registro reflexivo de toda a dinâmica da aula e de seus participantes, garantindo aulas significativas e planejadas, todas as noites.

Em meu processo de pesquisa, utilizei o registro e a observação como ferramentas de ação diária e imediata na prática. Sendo a observação o instrumento primário e orientador de todas as demais atividades.

A observação é o início de todo e qualquer estudo. Através do registro de minhas observações, estruturei minha reflexão acerca de minha atitude pedagógica.

Lancei mão da reflexão sobre os registros imediatos que efetuei através da observação diante da vasta opção de falas e atitudes que presencio cotidianamente dentro da instituição escolar.

Resultando desse modo, em uma avaliação da minha própria prática acerca do tema em questão e de outros que constituem o meu ser enquanto educadora.

De acordo com Madalena Freire (2010, p , 132) " a observação apura o olhar. Olhar sem pauta se dispersa. Olhar pesquisador tem planejamento prévio da hipótese que se vai perseguir durante a aula".

Para exercer tal atividade com total direcionamento, foco . É primordial a utilização do ponto de observação , que direciona o olhar. Segundo (FREIRE, 2014) o ponto de observação é uma atividade essencialmente avaliativa, onde nós educandos temos o desafio de refletir enquanto construímos nossa aprendizagem.

Você não fica a mercê do acaso, perdido e olhando para tudo, anotando tudo. Mas, tem uma motivação inicial. Capta situações a partir do que antes já foi pensado, refletido para se tornar o seu ponto de partida.

O olhar do educador precisa ser investigativo, questionador. Levar o professor até a criança e estudar o seu caso. Se comprometer.

Em minha rotina pedagógica, desde quando defini o tema dessa pesquisa. Iniciei um processo de observação com foco nas relações de cuidados efetivos - higiene, alimentação e descanso - se estendendo a identificação da presença do tema desse estudo em todas as outras relações pedagógicas presentes no cotidiano escolar infantil.

Relações essas que compreendem os educandos, educadores, famílias, a gestão da instituição e o ambiente interno e o externo.

Alguns registros que realizei durante o estudo de campo, seguem descritos ao longo desse trabalho, como recortes da realidade a fim de que você através da leitura, possa visualizar as cenas de cuidado ou ausência do mesmo, que eu vivenciei e aqui descrevi.

Envolvida nessa concepção de educação democrática ( FREIRE , 2014), em que se acredita no pensar como uma arma de luta. Refleti, investiguei, questionei tudo a fim de criar hipóteses que acrescentariam mudanças em minha prática.

Com olhos dados aos teóricos tecei reflexões a partir dos registros que realizei. Elaborando assim, uma teia de possibilidades e descobertas.

Desse modo constitui meus instrumentos metodológicos para a realização desse trabalho, pautados no respeito a singularidade de cada sujeito envolvido nessa construção.



## 1 CUIDAR

Quando o tema cuidado é trazido a tona, é comum ouvir relatos da seguinte natureza: “Eu cuido e a professora educa”. Porém se esquecem de que cuidar e educar caminham juntos, se relacionando, se entrelaçando nas atividades do cotidiano da Educação Infantil. “Cuidar e educar andam juntos”; “As atividades pedagógicas são feitas pela manhã, à tarde é só banho”; “Eu cuido bem dessas crianças”.

Essas e tantas outras falas circundam o ambiente escolar de educação infantil. Mas, o que é cuidado? Cuidar é apenas tratar bem e evitar acidentes?

Claro que não, é estar atento as necessidades mais peculiares de cada criança. É saber dos gostos de cada um, como por exemplo que o Joaquim gosta de água quente no banho, mas o Erick só toma banho com água fria .

Segundo o dicionário Aurélio a palavra cuidado possui o significado de: atenção, preocupação cautelosa, responsabilidade, desvelo e diligência.

Percebemos então, que o cuidado quando é feito de maneira mecânica e descompromissada com o outro, não retrata nenhum de seus significados.

Um conselho para você que é educador infantil assim como eu que quer concretamente contribuir para a mudança do sistema educacional: compreenda que “cuidar e educar caminham juntos”.

Cuide pedagogicamente dos futuros cidadãos da sociedade, revelando a eles seus direitos e permitindo que sejam realmente quem são .

Ações irrefletidas revelam um trabalho mecânico que resultam produtos homogêneos em massa.

### 1.1 História

Passamos a refletir sobre como as leis tratam o tema cuidado atualmente, bem como o mesmo passou a integrar o sistema educacional brasileiro.

O direito das crianças na faixa etária de 0 à 5 anos de idade passou a ser garantido a partir da Constituição Federal de 1988, nessa perspectiva, o Estatuto da Criança e do Adolescente ECA – Lei nº 8069/90, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96, contribuíram para

que a Educação Infantil fosse considerada, pela primeira vez, como etapa da Educação Básica. Tal como determina a Lei, o cuidar e o educar são indispensáveis e indissociáveis.

A educação infantil é considerada a primeira etapa da educação básica, tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança, até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (L. D. B nº 9394/96, título V cap. II, seção II, art. 29).

Somente com a promulgação da Constituição Federal de 1988, passa-se a dar destaque à importância de se promover uma educação de qualidade para todas as crianças. Assim, a Educação Infantil (com o acesso para todas as crianças de 0 a 6 anos às creches e pré-escolas) deixa de se constituir em assistencialista para se transformar, ainda que legalmente, em obrigação do Estado e direito da criança. Com isso, as crianças passam a ser reconhecidas como sujeitos de direitos em suas necessidades individuais para que tenham um desenvolvimento pleno.

Contudo, na prática infelizmente os espaços de Educação Infantil continuam sendo considerados como locais que auxiliam os pais na educação e cuidado de seus filhos, enquanto trabalham.

A deliberação 003/99, do Conselho Estadual de Educação em seu Art. 6º, ressalta que:

(...) a educação infantil deve cumprir com suas duas funções: educar e cuidar, sendo estas indispensáveis e indissociáveis, para promover o bem estar da criança, seu desenvolvimento físico, motor, intelectual, emocional, moral e social, estimulando a criança a interessar-se pelo processo do conhecimento do ser humano, da natureza e da sociedade. Isso deve ocorrer, num processo prazeroso, que valorize o lúdico, a cultura, as múltiplas formas de comunicação, diálogo e interação (BRASIL, 1999).

Quanto ao conceito de educar, o Referencial Curricular para a Educação Infantil explicita que:

Educar significa propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros, em uma atitude de aceitação, respeito e confiança e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis (BRASIL, 1998, p. 23).

O mesmo documento afirma, em relação ao cuidar, que:

O cuidar precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. Os procedimentos de cuidado também precisam seguir os princípios de promoção da saúde. Para se atingir o objetivo dos cuidados com a preservação da vida e com o desenvolvimento das capacidades humanas é necessário que as atitudes e procedimentos estejam baseados em conhecimentos específicos sobre desenvolvimento biológico, emocional e intelectual das crianças, levando em conta diferentes realidades sócio-culturais (BRASIL, 1998, p. 25).

Enfim, educar e cuidar na Instituição de educação infantil significa respeitar e garantir os direitos de todas as crianças ao bem-estar, à expressão, ao movimento, à segurança, à brincadeira, ao contato com a natureza e com o conhecimento científico, independentemente de gênero, etnia ou religião.

O educar e o cuidar na Educação Infantil devem ocorrer simultaneamente à organização de atividades diárias como: higiene, refeições, rodas de conversas, desenhos, pinturas, contação de histórias, sono, recreação . . . . Em todos esses momentos devemos cuidar e educar para que a criança seja e faça diferença no mundo.

O trabalho direto com as crianças pequenas exige que o educador tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que, ao educador cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla e profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. “São instrumentos essenciais para reflexão sobre a prática direta com as crianças a observação, o registro, o planejamento e a avaliação” (BRASIL, 1998, p. 41).

Desse modo devem promover o bem estar da criança, o seu desenvolvimento físico, motor, intelectual, emocional, moral e social, estimulando-a interessar-se pelo conhecimento do corpo da natureza e da sociedade.

Esse processo de aprendizagem deve ocorrer de maneira prazerosa, que valorize o lúdico, a cultura, as múltiplas formas de comunicação, o diálogo bem como a interação entre educador, educando, famílias e meio ambiente.

Em pleno século XXI, em meio a tantos avanços e transformações globais e tecnológicas. Há ainda pessoas que compreendem o trabalho exercido com crianças em idade de 0 à 5 anos como sendo exclusivamente assistencialista.

Os espaços de educação infantil são vistos como locais onde as crianças são deixadas para serem cuidadas, alimentadas enquanto seus responsáveis trabalham.

Essa visão dá-se a inúmeros fatores:

1º histórico: onde as pequenos eram deixados sob a guarda , sob a proteção de alguém para cuidados na ausência de seus pais. Daí o surgimento de tantas creches em comunidades carentes

2º Visão: os olhares que a sociedade lança sob os espaços de educação infantil, vendo como locais de práticas assistencialistas.

3º Postura: profissionais da área de educação permitindo que o seu trabalho não seja valorizado, ao serem chamadas de tias. Assumindo uma postura de cuidadores e não de educadores.

De acordo com Cerisara (2002 p. 12 ) "os anos de 1980 marcam o início de uma reorientação de enfoque, da criança como objeto de tutela para criança como sujeito de direitos".

Inúmeros foram os movimentos sociais focados nos direitos das crianças para que assim os mesmos fossem fortalecidos . Mas, no cotidiano da Educação Infantil o cuidar é considerado como atendimento às demandas de sono, higiene e alimentação , proteção. Assumindo uma dimensão higienista, garantindo o asseio e a limpeza.

O cuidado como escuta e atenção para criança é função primordial na creche. O fato de ser considerado um trabalho sem prestígio ou focado na proteção deve-se a ligação histórica com o que é doméstico , feminino e assistencialista.

## **1. 2 Teoria e prática**

Sou aluna da turma 2012, no curso de formação de professores de Educação Infantil e desde que comecei a experimentar o cuidado aqui no

Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS), me abri para essa realidade.

Aqui, nesse espaço me senti alguém, um ser de valor que pode acrescentar na vida do outro. Uma relação de afeto onde dois lados se atravessam se toca e troca experiências.

Tudo isso só se tornou possível e sensível devido à precedência do cuidado nessa relação, onde não faltou zelo para com minha história de educando e de educador.

Ser chamada pelo nome, ser olhada nos olhos, fazer presença sem estar presente, todas essas práticas da concepção democrática, fez com que eu agregasse a minha prática educativa diária, essas ações.

Considero as fundamentais para se constituir um sujeito autor, autônomo, reflexivo e questionador. Experimentei e sei quanto são benéficas para a constituição do ser enquanto humano e social.

Toda a equipe pedagógica dessa instituição cuidou e me acolheu, desde as saudações acolhedoras no portão diariamente, passando pelo lanche que expressou claramente o cuidado com a necessidade do corpo de cada aluna, bem como o apoio na escolha dos materiais pedagógicos disponibilizados na biblioteca e se encerrando e por que não dizer, culminando em sala de aula na construção feita com o grupo de colegas e com todos os professores.

Fui cuidada desde a mais tenra inserção nesse espaço. E como só cuida quem é cuidado, através da proposta de vida de grupo, aprendi a cuidar e a zelar por cada colega presente e as ausentes também. A convivência estabelecida através do respeito mútuo, me levaram a adentrar nessa dinâmica de relações, onde fui me constituindo enquanto sujeito e principalmente enquanto humano.

No ambiente propício para reflexão e contemplação do belo ofertado pela natureza, e que só aqui no PRÓ-SABER consigo encontrar, me levaram ao cuidado, ao zelo, a atenção para com cada detalhe dessa maravilhosa instituição de ensino.

Nessa perspectiva de cuidados, fui tecendo minha aprendizagem. Eduquei o meu olhar, agora não apenas vejo, mas observo e reflito. O meu falar também foi

moldado, agora identifico o silêncio também como fala e participação, não apenas omissão.

Todo o meu ser sofreu alteração, entrei aqui como a “tia”, carregando todo o peso dessa marca social. Hoje saio consciente de quem eu sou : educadora, profissional capacitada para construir junto com as crianças aprendizagens significativas para suas vidas.

Não sou animadora de festa infantil, sou professora de Educação Infantil.

No meu fazer pedagógico, o cuidado vem se desdobrando em todas as ações. Porém, a largada se deu com a imersão no processo de busca pelo nome de cada criança, seus familiares e demais educadores da instituição onde se realiza a pesquisa de campo para esse trabalho.

Localizado no município do Rio de Janeiro bairro de Caju, o Espaço de Desenvolvimento Infantil Parque da Alegria (EDI), atualmente atende em torno de 240 crianças, distribuídas pelos seguimentos de Berçário até Pré-escola II, as recebemos dos 6 meses até 5 anos.

Minha pesquisa de campo, meu foco esta na turma de maternal I, com crianças de 2 a 3 anos, onde exerço o cargo de Agente de Educação Infantil (AEI). Estou presente no horário de segunda à sexta de 11:00 às 17:00.

Meu olhar observador, se estende para toda a instituição, pois o entorno, a conjuntura do sistema revela bastante do tema cuidado atualmente apresentado. Um ato de cuidado é verdadeiro quando revela que há respeito as diferentes manifestações culturais, raciais e religiosas das crianças. Isto é, quando a criança não é recriminada, nem reprimida ao se expressar.

Todas são diferentes e possuem a oportunidade de ser realmente quem são. Respeitar a singularidade do sujeito, é não dá apelidos discriminatórios e nem impor opiniões a cerca de suas etnias, costumes, crenças e gostos.

Estar inserido na Educação Infantil é um direito da criança garantido pela lei, e o espaço escolar é público logo deve ser explorado por todos livremente.

A brincadeira também é um direito da criança, e não pode faltar nos espaços escolares de educação infantil. O brincar é a base de toda a relação e deve se fazer presente nos cuidados mais básicos e corriqueiro do dia a dia.

A criança se expressa, dialoga com o mundo e faz leituras da realidade através de suas brincadeiras.

Percebo no momento do banho, que quando não ocorre de maneira mecânica e sem atenção, a criança brinca na água e com a água, se relaciona com esse recurso natural e constrói aprendizagens.

Assim como, durante esse momento ela vivencia cuidados de higiene com o seu corpo, de maneira lúdica e prazerosa.

A atenção para com a criança e sua singularidade é perceptível quando nas refeições ela é olhada e os seus gostos pessoais são respeitados. Não é mais uma que não se alimenta, mas, por exemplo, a Ana Flávia que não bebe leite. Quando realmente cuidamos e conhecemos o ser individualmente por inteiro, seus gostos, suas prioridades, sua origem, damos a ela atenção e dizemos que tem importância para nós.

Cuidado na higiene, cuidado na alimentação, cuidando do outro e olhando para tudo que o completa. O olhar atento para ajudar, para acrescentar zelo, guarda, proteção a um outro que não sou eu, mas que completa minha incompletude.

Sendo empático, se colocando no lugar do outro, respeitando o seu apetite, a sua identidade, os seus momentos mais singulares da vida.

Cuidar não é apenas tratar bem alguém ou algo, vai muito além disso.

Quando o autor Leonardo Boff nos apresenta a realidade das dimensões prosaicas e poética. Sendo a primeira algo que nos aprisiona, como a rotina rotineira de todos os dias e que nos consome.

Faço uma reflexão sobre como estamos nos espaços de Educação Infantil, vivendo prosaicamente. Não há tempo para parar, observar, contemplar, ouvir, tocar, refletir e simplesmente olhar. É tudo bastante mecânico, seguimos na linha da produção promovida pelo sistema.

Onde após nove ou dez horas diárias dentro da instituição, o que importa no final do dia é que a criança retorne para casa limpa, penteada e com a refeição realizada.

Se a criança falou, se deram voz e vez a ela. Se olharam e chamaram pelo seu nome. Se respeitaram seu tempo de brincar, desenhar e mastigar. Quem se importa? Que índice de aprovação terá nas pesquisas de níveis de educação, essas questões?

Esquecemos que não trabalhamos com máquinas e sim com gente. Seres que um dia estão muito bem, mas em outro momento por inúmeros fatores, necessitam de mais colo e atenção.

Mais um vez hoje (30/09) foi exposto em uma reunião entre os auxiliares e professores, juntamente com a coordenadora a leitura do documento que estabelece as diretrizes do trabalho na Educação Infantil da prefeitura do RJ que gerou a discussão sobre as funções do professor e do auxiliar na creche.

"Eu falo para a professora para dividir o pedagógico para tarde por que ai eu dou o banho na metade da turma" fala da auxiliar.

Não se dá o banho na parte da manhã devido ao pedagógico. Se o banho não é pedagógico o que é então?

Professor de Educação Infantil que se recusa dá banho, põe fralda em todas as crianças para não ter problemas. Não há o cuidado em torna a rotina dos outros mais leve, apenas a sua própria.

Quando vejo um professor de Educação Infantil apenas focado nos papéis, produção de imagens para exposições e etc. E não se ocupando em promover hábitos e atitudes de cuidado com próprio corpo infantil. Me deparo com a antecipação do ranço autoritário e sistemático pelo qual as crianças já estão predestinadas a passarem nos anos seguintes de suas vidas.

Em nossa realidade, o cuidado ganha uma dimensão menor, a medida que é vivido em uma dimensão mecânica e é exercido apenas pelos profissionais considerados de menor valor.

Quem cuida dentro desse contexto é moça da limpeza, a tia da cozinha e o auxiliar que dá o banho, coloca para dormir, escova o dente e serve a refeição.

Na instituição que estou inserida, as tarefas são bem definidas de acordo com os cargos exercidos. De forma bem mais particular, na sala em que trabalho a professora não dá o banho e nem aceita que o mesmo seja realizado no período em que ela se encontre dentro de sala, pois o "pedagógico" precisa ser dado.

Quando a mesma se encontra só permite que todas as crianças fiquem de fraldas para não ocorram incidentes do tipo: fezes ou urina nas roupa. Mas quando esta com um auxiliar exige que todos estejam sem fraldas.

Não auxilia no sono e nem na refeição, só ajuda caso falte o atreze algum funcionário, fora essa necessidade não realiza essas tarefas por não considerar ser função.

Cuidar envolve também observar, acompanhar a criança, mais do que dirigi-la em uma atividade, mais compreender o seu ritmo no momento do sono/descanso todas são obrigadas a dormir e acordar ao mesmo tempo.

É uma realidade palpável e extremamente desrespeitosa. Todos tolos de expressarem qualquer desejo que não seja o sono as onze e trinta da manhã. Quanto se aproxima das treze e vinte todos são repreendidos ao quererem continuar o seu momento de descanso. E, o pronome possessivo não é propriedade da criança. O momento não é delas e sim dos adultos que mais uma vez determinam e conduzem o querer dos pequenos.

Pedro não queria dormir. Vira e revira-se no colchão. A sua frente sentada esta uma educadora que após alguns minutos observando os movimentos de Pedro levanta-se vai até o colchonete onde o menino se encontra e com o forte arranco, vira-o de bruços e começa a sacudir o seu corpo com o balançar e fala com um tom de voz alto e bem áspero "- Você não tem querer aqui. Vai dormir e pronto!".

Outro momento forte de aceleração do tempo dentro da rotina é o da alimentação. Com o foco de dar conta do tempo dentro do refeitório disponibilizado para cada turma, há uma sucessiva correria para todos os lados. É uma verdadeira linha de produção que tem que dar conta de tudo em vinte minutos.

É esse o tempo para entregar os pratos as crianças mastigarem, beberem a água, comer a fruta e sair. O cuidado aqui dá espaço para uma dimensão disciplinadora nas ações dos educadores. ação essa que é reconhecida como qualidade de trabalho na atualidade.

Na perspectiva da educação como indústria, implantada pelo nosso sistema educacional. Funcionário padrão é o que trabalha dentro do tempo determinado, produz mais e entrega o produto ao final do dia em perfeito estado. É assim tristemente que a realidade vem se apresentando.

Quem olha para quem dentro do espaço escolar? Para responder essa questão é preciso pensar em mudanças, ver o cuidado para além da

transmissão unilateral -adulto para criança, que também é importante- , precisamos passar por nós mesmos.

Necessitamos urgentemente de afetar o outro com amor, amorosidade, sentimento. Tocar no outro com emoção. Perder o medo do toque, do outro e no outro.

O afeto aqui não restrinjo apenas ao aspecto da amorosidade, mas principalmente no que tange atingir o outro, atravessá-lo, passar por sua história de vida deixando marcas positivas. Marcas que dependem de como eu vejo o meu próximo, se respeito-o como ele realmente é.

Nas sagradas escrituras, o cuidado/amor aparece nos seguintes trechos.

Se alguém afirmar :”Eu amo a Deus”, mas odiar seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.

JO 4, 19-20

E, em outra passagem bíblica que nos diz: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

LEV 19, 17-18

As citações bíblicas denotam o cuidado como o amor na sua mais pura essência. Independente de sexo, raça, religião. O próximo é todo aquele que está ao seu lado.

As relações de cuidado devem envolver a todos , não só entre os docentes, mas as famílias, as crianças, toda a comunidade escolar e o ambiente onde essas relações ocorrem.

Em sua pesquisa sobre as origens etimológicas e históricas dos termos cuidar e cuidado, MONTE NEGRO (2005) focaliza o campo de estudos da moralidade como produtor de sentidos sobre o cuidado.

Onde GUIMARÃES (2011) fundamenta sua pesquisa e ressalta que: pode se afirmar que a dimensão de generosidade e liberdade que o cuidado possui promove, nas pessoas que a ele se dedicam, auto estima e valorização de si. A generosidade implica o exercício da liberdade ante seus afetos e a si mesmo, relaciona-se com ser senhor das próprias paixões.



## **2 CUIDADOS**

Nós mulheres cuidamos da casa, da família, dos filhos, da beleza. . . Enquanto os homens do carro, do trabalho, dos amigos, da carreira profissional. . .

Os pais possuem seus próprios cuidados, os médicos, os educadores, as crianças, os políticos, cada um com suas peculiaridades de cuidado. Todos nós seres dotados de pensamentos cuidamos.

Assim como também os outros seres vivos cuidam de suas crias- atualmente cuidam melhor do que nós- cada ser na sua especificidade colabora no movimento da cadeia alimentar.

Nesse ciclo de cuidados e cuidadores, todos estamos inseridos. Logo, basta receber o sopro vital para que passemos a constituir esse ciclo.

Dentro desse contexto de cuidados e como os mesmos se restringem em alguns grupos ganhando características próprias de acordo como são encarados desenvolverei esse capítulo.

Neste momento da pesquisa explicitarei e exemplificarei por meio de teóricos e experiências práticas que vivenciei diariamente no meu fazer pedagógico durante esse trabalho monográfico, as múltiplas faces do cuidado nas dimensões com o outro, com o ambiente e comigo mesma.

### **2. 1 Cuidar de si/ pessoal**

O ser humano é dependente de outras pessoas para cuidar de si mesmo. Ele nasce inacabado tanto do ponto de vista físico, como psíquico. Do ponto de vista físico, sua sobrevivência está atrelada ao cuidado que o outro lhe dispensa (que lhe dá de comer, troca as fraldas) e da ordem do psíquico ao fato de ser objeto de investimento amoroso (aquele que lhe acalma, acalanta e empresta a voz).

Por meio deste duplo estado de desamparo e da forma como ele é superado por meio da ajuda do outro, sejam seus pais ou cuidadores este ser poderá se constituir como ser humano.

A maneira como a criança aprenderá a cuidar de si mesmo está diretamente relacionada à maneira como ela é cuidada pelo outro. Na escola de educação infantil quando a criança é pequena o adulto precisa fazer as coisas por ele, cuidar dele em todos os sentidos, e sua postura diante da criança lhe ensinará muitas coisas a respeito de si mesmo.

Os meios que a criança dispõe para aprender a cuidar de si mesma são fundamentalmente pela imitação, pela brincadeira e pela linguagem. As crianças observam os adultos e as outras crianças e podem desta forma aprender com os outros.

A Escola de Educação Infantil precisa dar condições para que as crianças desenvolvam a capacidade de fazer por si mesmas coisas em que antes precisavam de ajuda.

A criança não aprende a cuidar de si mesma em atividades retiradas de seu real contexto. A aprendizagem de cuidados está ligada à formação de hábitos saudáveis e cuidar de si mesmo são atitudes que se adquire para toda a vida.

Os pequenos aprendem a cuidar de si mesmos por meio dos cuidados que os adultos lhes dispensam e por meio da observação e imitação que fazem dos adultos cuidando de si mesmos.

A criança não aprenderá a comer frutas, recortando e colando num papel as imagens que encontra em revistas, nem resolvendo quebra-cabeças sobre esse tema, nem assistindo teatrinhos. É por meio da orientação e atenção do adulto, sem pressa e com disponibilidade de deixar a criança tocar, amassar, se sujar, que melhor aprendizagem construirá neste aspecto.

Segundo Foucault (2004 p. 20 a) no mundo grego romano o cuidado de si constituía uma ocupação em conhecer-se, para que os desejos fossem dominados.

Atualmente, o cuidado de si resulta numa espécie de egoísmo, individualismo. O que importa é se estará bom para mim. Não se pensa no

coletivo e muito menos se eu enquanto parte desse coletivo estou afetando de maneira positiva ou negativa os outros.

O tal do egocentrismo que aparece em todo ser na parte mais tenra de sua vida, entre dois a sete anos (sensório motor e pré-operatório/ Piaget) pode ser acentuado ou administrado ao passo que promovemos momentos de partilhas, trocas e auto cuidados.

Se em nossas instituições infantis oportunizarmos às crianças experiências, onde as mesmas percebam que no grupo não pode haver apenas única e exclusivamente os seus interesses, estaremos evitando que a cultura individualista e egocêntrica continue se desenvolvendo em nossa sociedade.

## **2. 2 Cuidar do outro/ social**

Uma situação aparentemente simples, porém carregada de sentidos: retirar a chupeta da criança com um arrancão impulsivo, torna-se invasivo, agressivo. Diferentemente de direcionar o local para que ela mesma corte o laço, e deixe lá o seu objeto transicional.

Comecei a perceber o quanto faz diferença na vida do sujeito e essa atitude refletida não deixa marcas, é menos doloroso para a criança que tem que abrir mão do objeto que a remete a sua genitora ou a seu lar.

É a própria criança que com autonomia segue sozinha para ser a autora de sua liberdade.

Todos os dias após o momento do sono - único momento que se pode utilizar a chupeta - as crianças que usam, colocam-nas penduradas em um suporte. Antes não era assim. A fala era a seguinte: - Acordou me dá a chupeta! E carregado de muito choro, lágrimas e sofrimento, esse momento era vivenciado. Atualmente:- Israel, vamos colocar a chupeta no lugar? - Coloque lá você.

Cuidar do outro implica compromisso com o semelhante, é ação pautada em princípios e valores. Implica em desenvolver solidariedade e compreensão, em ter uma dimensão ética e de respeito com as pessoas. Aprender a cuidar do outro implica num intenso processo de interação e de formação de vínculos.

O cuidado com o outro é concretizado em ações e atitudes realizadas para promover o conforto e o bem-estar do outro. O toque físico é uma das principais manifestações de cuidado e bem presente no cotidiano das crianças de educação infantil. O ato de tocar aproxima as crianças entre si.

Relato outra experiência vivenciada em minha prática que vem dando muito certo, aprendi aqui no ISEPS que os ausentes se tornam presentes pela sua ausência. Desse modo, todos os dias faço questão de mencionar o nome em voz alta das crianças que não vieram. Às vezes dou uma de esquecida e pergunto: - Quem esta faltando? Não me lembro. As crianças se esforçam para lembrar, às vezes falam nomes de crianças que estão na sala.

Ao cuidar do outro a criança começa a exercitar a ideia de se "colocar no lugar do outro", o que é, inicialmente, bastante difícil para as crianças tão pequenas. No entanto, por meio da forma como foram e são cuidadas pelos adultos e de como estes os auxiliam a perceber o que outro pode sentir, as crianças começam a desenvolver a empatia necessária para cuidar do outro.

Cuidar é ajudar, é suprir necessidades do outro, ajudá-lo a superar as dificuldades em que se encontra. Cuidar é também ajudar o outro a cuidar-se, orientar, educar, incentivar, estar junto. O cuidado efetivo é sentido como uma expressão de interesse e carinho.

Neste âmbito de experiência nossas ideias de Educação Infantil nos levam a querer crianças que possam acolher as diferenças, por meio da promoção de situações de igualdade e no auxílio à superação de diferenças.

Aqui no meu cotidiano , quando há mordidas, empurrões, tapas e outros tipos de agressões entre as crianças. O "agressor" é orientado a cuidar do "agredido", isto é, passando a mão sobre a "ferida", colocando gelo ou pomada, beijando o outro, abraçando, dando carinho e cuidando como forma de pedir desculpas.

### **2. 3 ambiente**

Hoje 18/08, ao observar as crianças correndo pelo pátio durante a tarde, percebi que pareciam com pássaros soltos de suas gaiolas.

A liberdade, a leveza do vento batendo em seus rostos, os sorrisos e as gargalhadas que davam me transmitiam a certeza de que ambiente e criança é uma parceria de sucesso.

Aquecimento global, poluição atmosférica, efeito estufa, derretimento da calota polar da Antártica, desenvolvimento sustentável, buraco na camada de ozônio, protocolo de Kyoto, resoluções do presidente Obama, promessas para a próxima campanha eleitoral. . . O tema meio ambiente é bem complexo nas manchetes dos jornais, revistas e sites do mundo todo. Mas, o que realmente importa é explicar o verdadeiro significado da palavra “natureza” e fazer a criança se sentir parte dela para aprender a cuidar e amar. O desafio não é fácil, mas é possível e pode ser feito de uma forma bem simples.

Para conscientizar uma criança sobre a importância de preservar o meio ambiente não precisa necessariamente inscreve-la em uma expedição amazônica. Vale muito mais se acontecer no dia a dia.

As crianças (você, eu, todos) precisamos entender que a natureza é mais do que as matas, os rios e os animais, distantes da gente pelo excesso de vida urbana. Sou eu, você, o cachorro, a formiga, a água que sai da torneira, a planta que brota no canteiro da calçada, a luz do sol que entra pela janela, o tomate do sanduíche.

Por mais que a gente passe cada vez mais tempo dentro de casa conectado à internet ou presos a papéis dentro das salas, a vida entra por todos os espaços e reaparece. É vida, ciclo, renovação. Quando conseguimos fazer a criança se sentir parte dessas outras coisas que ela vê, fica mais fácil ela perceber que um depende do outro para continuar vivo.

E não é apenas para cuidar da natureza. Mas também para entender um pouco mais de nós mesmos: como tudo que é vivo, nós nascemos, crescemos e morremos. Sim, a gente foge tanto da discussão sobre a morte e ela está ali acontecendo à nossa volta, da planta da casa, ao animal de estimação, passando pelo inseto que a gente quer ver sempre longe.

Qual é o contato de crianças com áreas naturais?

Elas não têm algum outro tipo de contato, na realidade escolar cotidiana, com o ambiente externo à sala de aula, além dos momentos de parquinho diário.

Temo por daqui algum tempo esse momento deixar de ser diário, já que a cobrança por papéis está cada vez mais desenfreada.

Nós enquanto educadores, reforçamos o estigma de que atividade é só no papel, o sistema cobra o relatório, o papel. O pai cobra a nota e a criança inserida nesse contexto acaba por também cobrar a atividade/"trabalhinho".

As escolas trabalham corpo e mente individualmente, mas teoria e prática devem andar juntas. Durante o trajeto de ida do pátio para sala de aula, enquanto andavam pelo longo corredor . As educadoras iam falando para as crianças, que estavam seguindo umas atrás das outras fazendo o "trenzinho". Vamos para a sala fazer atividades. Fazer "trabalhinhos. "

Eu que passava por aquele lugar nesse instante, iniciei uma reflexão a partir da seguinte questão: Mas, em todo esse tempo no pátio não fizeram nada?

Não fizeram, porque foram eles próprios que construíram, e não veio pronto? Dentro da concepção centrada nos conteúdos e no ensinar do professor, todas as relações estabelecidas pela criança na área externa, foram realmente nada.

O que realmente importa, são os desenhos prontos, a cartolina com espaço determinado pelo educador para se pintar ou desenhar.

É um verdadeiro ciclo de cobranças e aprisionamento. Onde os pais cobram atividades nos cadernos, a gestão questiona a falta de atividades expostas na sala ou mural, as educadoras exigem das crianças a marca da atividade no papel.

Quando estão no pátio, as crianças constroem e desconstroem relações com seres vivos e não vivos - pedras, areia, tijolo. . . . - Ficar fora da sala é visto como o local de brincar, e é onde percebo a intensa felicidade das crianças.

Dentro da sala é espaço apenas para aprender e não brincar, nada de correr, nada de ficar de pé, nada de gritar , nada, nada, nada. . . . . Enfim, totalmente aprisionados.

Mas, toda a atividade na Educação Infantil não deve ter o caráter lúdico?

Sala de aula. O porque desse nome? Só em um espaço fechado por quatro paredes pode haver aula? Mas, o que é aula?

Segundo o dicionário Aurélio, aula é lição/ sala em que se recebe a lição. Enquanto que para sala a definição é a seguinte: cômodo de uma habitação geralmente usada para atividades de convívio e lazer e para tomar as refeições.

Logo, conclui que o espaço da sala de aula é por excelência destinado para se receber as normas, as lições, tomar as regras sociais. Isso dentro de uma concepção conteudista e centrada na pessoa do educador . Desse modo, isto é, nessa visão o espaço fora das quatro paredes é totalmente desprovido de aprendizagem.

O contato com o ar livre é muito importante para o ser humano, especialmente durante a infância. A proximidade e o contato direto com elementos naturais apresentam estreita relação com uma maior qualidade de vida.

Com efeito, as áreas naturais, em um primeiro momento, são primordialmente consideradas redutores do estresse resultante da permanência em ambientes fechados. Acresce-se que o contato com elementos naturais nas dependências da escola parece contribuir decisivamente para a saúde, para um desenvolvimento integral, além de se constituir em experiência, cuja percepção individual faz-se única e enriquecedora. Estudos mostram que crianças que passam mais tempo em contato com áreas naturais apresentam um comportamento mais harmonioso, fantasiam mais, brincam melhor e têm uma melhor percepção do espaço em que vivem (GRAHN, 1994, TIRIBA, 2005).

Infelizmente, a realidade que o cotidiano da maior parte das instituições de educação refere-se a uma rotina escolar que, em geral, privam as crianças de contatos prolongados com a natureza. Elas se mantêm “emparedadas” a maior parte do tempo.

É de suma importância o acesso e a permanência das crianças nos espaços ao ar livre. Ressalto que o objetivo não é apenas levá-las e deixá-las soltas na área externa, mas compreende um planejamento, um contato direcionado para que se constitua uma verdadeira [experiência de conhecimento do ambiente](#).

Documentos oficiais mencionam o valor de tais espaços para a educação infantil. Como exemplo, cito o documento do Ministério da Educação

e Cultura –MEC-, de 1995, intitulado “Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças”, no qual são categorizados doze itens, intitulados como direitos fundamentais da criança em uma educação democrática. Neste documento, o quarto item afirma que:

“Nossas crianças têm direito ao contato com a natureza” e ainda o oitavo item diz que: “Nossas crianças têm direito ao movimento em espaços amplos”.

Também no Referencial Curricular para a Educação Infantil, na unidade “Natureza e Sociedade” propõem-se temas que façam parte da vivência de todas as crianças, sejam de seu interesse, bem como se apresentem indissociáveis da vida escolar.

O mundo social e o mundo natural devem ser vistos, portanto, como aspectos inseparáveis e conectados à vivência da criança, o que implica, conseqüentemente, em não se privar a criança do contato com elementos naturais. (Brasil, 1998, p. 163).

Natureza e sociedade não devem seguir caminhos opostos, mas ambos apontam para uma mesma direção, a da formação e complementação do ser que é totalmente inacabado, e devido a essa sua incompletude precisa do outro- sociedade- e do seu espaço por excelência , isto é, o seu habitat desde sempre - a natureza.

Não é possível pensar acerca de Educação Ambiental, em um contexto em que as crianças são privadas de contato com o ambiente natural. Entendo que não seja possível que se defenda algo com o que não se conviva e com o que não se mantém qualquer relação próxima, ou mesmo afetiva. Tornam-se, portanto, inválidas as tentativas de se sensibilizar um aluno ambientalmente se este não tem contato com a natureza.

Fortalecendo essa ideia TIRIBA questiona se é possível, trancados entre quatro paredes, convivendo com representações da vida concreta, tal qual ela se manifesta na natureza, conhecermos em sentido pleno, a natureza, a vida? Não. Não é possível amar, respeitar, defender algo com o qual não convivemos e não estabelecemos uma relação afetiva, apenas o conhecemos intelectualmente. O amor, o respeito, não se aprendem simplesmente através de teorias. São sentimentos que se constroem e se incorporam a partir da vivência física com espiritual; através de uma relação inteira de

corpo/emoção/razão com o universo maior do qual somos parte. (TIRIBA, 2006, p. 9).

Já refletimos que as salas de aula são o espaço dedicado ao aprendizado, enquanto locais abertos destinam-se, normalmente, ao lazer e à recreação das crianças. Atividades em espaços abertos, ao ar livre, são, de modo geral, uma exceção e acontecem raramente.

As crianças não dispõem de oportunidades para perceber o desenvolvimento de uma planta, ou a construção de um formigueiro, por exemplo. Elas só aprendem a plantar o feijão no algodão e nada mais.

Ou quando há um educador um pouco mais aberto ao contato fora da sala, realiza o plantio de algumas sementes, faz algumas observações ao longo de duas semanas no máximo e por aí finda-se a atividade. Não há continuidade, as crianças não veem a verdura crescer, não colhem e muito menos chegam a consumir.

O modelo adotado nas escolas se constitui de uma educação tradicional, fundamentada em autoridade e disciplina restritivas, ou seja, modelos que privilegiam o aprendizado nos limites da sala de aula.

Ainda segundo a pesquisadora Tiriba, esta situação ocorre de maneira muito frequente nas escolas de educação infantil no Brasil. Segundo essa autora:

entre as razões de um cotidiano distanciado da natureza, as educadoras se referem, com ênfase, a uma necessidade dos adultos controlarem as crianças, que, ao ar livre, em espaços abertos, “ficam mais livres”. Também esta necessidade levaria a uma pedagogia que privilegia os espaços fechados. E, tanto como causa, quanto como efeito, a uma concepção e a uma prática de formação de educadoras que é pensada tendo os espaços das salas como referência. (TIRIBA, 2006, p. 11).

A maioria dos educadores alega o excesso de alunos, a falta de espaço físico e de profissionais, como justificativas para não realizarem atividades em ambiente externo. Mas, creio que a principal razão apresentada para a não realização de atividades extra-classe remonta à necessidade de manter a disciplina das crianças.

Atividades nas quais as crianças se movimentem, falem alto e corram ao ar livre normalmente resultam, em demonstrações de falta de ordem,

indisciplina. Esse tipo de preocupação leva à reflexão de como se valoriza em excesso o desenvolvimento intelectual. Como também a que tipo de concepção de educação esse educador está a serviço?

Ao perceber o que a criança tem experimentado nos momentos de convivência ao ar livre, de como isso tem um valor para influenciar em seu desenvolvimento e de como a ampliação desse contato com aspectos naturais é fundamental para a sua vida humana e social. O educador revela que modelos de educação ele vem adotando.

A Educação Ambiental na escola é uma prática que parte da representação social que o educador têm de meio ambiente. É uma demonstração de valores, em que se acredita.

É inadmissível que eu quebre os galhos da pitangueira. Temos uma no EDI e reaprendemos as crianças ao se pendurem. Somos formadores de opiniões e de atitudes. Exemplos bons precisam ser propagados e imitados, os negativos não devem nem ser pensados.

Para GUATTARI não se trata de preservar, cuidar para um equilíbrio capitalista, mas sim trabalhar, cuidar, zelar pela humanidade. Se está ruim para um, deverá esta para todos.

Corremos o risco de não ter mais história humana, caso não assumamos a nossa condição de seres pertencentes a natureza.

A urgência se constitui em novas práticas sociais, estéticas, éticas na relação de si com o outro. Tudo deve-se partir do micro, do ordinário para se alcançar o macro, o extraordinário da vida.

Efetivamente muito mais resultados a curto, médio e longo prazo terá uma atividade diária de contato com o meio ambiente do que uma única vez ao ano apresentar cartazes, músicas e peças teatrais enfatizando o dia da árvore ou do meio ambiente.

Cuidar do ambiente é tarefa diária, compreende uma relação de proteção para com os outros seres presentes dentro do espaço de educação, e que se encontram fora das cercas da razão humana.

### 3 EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS

#### O banho de M<sup>a</sup> Luíza 12/08/2014

*Após o lanche da tarde, estavam todos da turma 41 brincando na área externa.*

*Maria Luíza se aproximou de mim e perguntou: - Vai dar o banho hoje ?*

*Eu olhei para ela e respondi: - Não!*

*Ela prosseguiu brincando com os demais colegas, até o momento em que nos dirigimos para sala . Lá novamente ela se aproxima de mim e repete a pergunta: - Vai dar banho hoje ?*

*Eu mais uma vez respondo de maneira negativa a sua pergunta.*

*Após alguns minutos a outra educadora chama ela para tomar banho. E ela se recusa a ir para o banheiro. Pela segunda vez é chamada e resisti novamente. A educadora fala em tom de voz alto e bravo: - Ela não gosta de tomar banho!*

*Eu observo sem intervir, depois pego sua mochila coloco perto dela, e falo : - Maria Luíza vamos tirar a roupa para tomar banho, a -nome da educadora- esta te esperando . Após me afastei e fiquei observando.*

*Ela iniciou o movimento de retirar a roupa, me aproximei e ajudei. Depois ela seguiu para o banheiro e eu permaneci na sala.*

*No final do banho, perguntei como foi pra ela. Obtive um sorriso no canto da boca, que compreendi como sendo de positivo.*

*Perguntei também para a educadora, que respondeu dizendo :- Não lavou a cabeça e tomou com água morna.*

*Pensei comigo mesma, um avanço. Não teve choro!!!!*

REFLEXÃO: Eu e Maria Luíza construímos um vínculo durante a atividade do banho, desde quando eu percebi que ela tinha pavor em praticar tal atividade.

Primeiramente os banhos não ficavam para o turno da tarde , por outro fator que é mencionado nessa pesquisa. Logo, eu não sabia da dificuldade da M<sup>a</sup> Luíza durante a higiene. Quando comecei a perceber isso , isto é, quando passei a dar banho nela, perguntei ao responsável -avó- como era esse momento em casa.

Também muito sofrido, mas segundo a avó, devido aos traumas na convivência que ela teve com a mãe.

Assumi um pequeno baldinho de praia, que passei a entregar a ela durante o banho. Como também apenas utilizei chuveiro com água morna. E assim, todos os dias por uns 15 dias foi assim. Abria o chuveiro e entregava o baldinho para ela, deixava a própria tomar o seu banho, fazendo a distância as orientações básicas para que a higiene realmente acontecesse.

Quando houve esse episódio que relatei anteriormente, já estávamos nesse processo paciente de construção de autonomia e quebra de medos. Por isso ela resistiu muito em tomar banho com outra pessoa.

Mas por outro lado, ela precisa dar os passos sozinhas. Precisa não estar dependente apenas a mim.

Sei que cuidei de Maria Luíza e agora tenho certeza que ela começa a saber cuidar de si mesma.

Sabemos que o ser humano é dependente de outras pessoas para cuidar de si mesmo, desde a sua mais tenra idade e nesse processo de construções de sua autonomia, ele faz rupturas com seus medos e inseguranças até que sinta confiança em dar seus próprios passos.

#### **Atenção de Ryan 18/08/2014**

*Na instituição existe uma área externa coberta com um telhado, que chamamos de Telhadão , onde ficam os brinquedos do parque. Estavam todos a correr e os meninos brincando de matar e morrer.*

*O Kaio toca na barriga do Victo que cai, representando uma morte após o ataque do inimigo.*

*Kaio corre pra longe e Victo permanece deitado no chão. Ryan se aproxima do colega deitado no chão e fica preocupado, achando que o mesmo havia caído por outro motivo e não brincadeira.*

*Ryan estende a mão para o Victo, que se levanta . Em seguida, Ryan pergunta se esta tudo bem, com um olhar de espanto.*

*Reflexão : Ryan é uma criança extremamente cuidadosa com todos os colegas. Inúmeras vezes se aproxima de mim para falar de alguém que foi agredido, mordido, empurrado. . . E dessa vez, ele foi acudir, socorrer.*

*Ryan é uma expressão viva de que cuidar é zelar pelo bem do outro , e esse zelo protege e busca meios de socorrer o outro.*

*O cuidado com o outro é materializado em ações e atitudes realizadas para promover o conforto e o bem-estar do outro. O toque físico é uma das suas principais características e bem presente no cotidiano das crianças de educação infantil.*

### **Se vestindo 20/08/2014**

*Agora no segundo semestre, iniciei o processo de autonomia na escolha da roupa que a criança vai usar- só é possível quando não separam pela manhã - como também o vestir-se com poucas intervenções minhas.*

*Porém, Pedro, Joaquim e João Pedro Pereira desistem logo no início. Hoje mais uma vez foi assim. Choram, fazem manha e dizem: - Eu não consigo!*

*Não tentam, eu falo : - Só vou ajudar um pouquinho, mas são vocês que irão se vestir.*

*Faço festa, bato palmas, comemoro quando terminam, seguindo da seguinte frase: -É isso aí, você consegue, viu!*

**Reflexão** :Tenho certeza de que desse modo, estou cuidando e educando. Cuido da higiene e educo favorecendo a construção da autonomia.

A aprendizagem esta intimamente relacionada com as relações que estabelecemos com o outro(s). Logo, acredito que no contato direto com o educador e com os outros colegas, eles constroem conhecimentos, pois incentivam e são incentivados pelo exemplo e contato direto do outro envolvido nesse processo.

### **Interesse na ausência 24/08**

*Na roda de conversa, perguntei aos que não foram ontem a aula o motivo da ausência.*

*Joaquim: - Fui ao cinema*

*Ana Júlia: - Estava doente*

*João Pedro Lira : - Estava com febre*

Refletindo: Eu quis saber deles, me importei com a falta que fizeram no grupo, para que percebam o quanto suas ausências foram sentidas.

Esse respeito e valorização com a falta do outro, conquistei através da minha própria experiência aqui no ISEPS, onde dentro da concepção democrática de educação os ausentes também se fazem presentes. Isto é, não somos menos um na aula, mas a Thais que não veio por algum motivo, por exemplo.

E, se não estamos presentes fisicamente, nos tornamos na memória dos colegas e do educador .

Exemplos de falas carregadas de interesse , preocupação e zelo pelo educando:

Thais não veio. Alguém sabe o motivo?

Ela avisou que não viria?

Ela , não é de faltar. Será que houve alguma coisa?

Sendo assim , cuidar do outro envolve compromisso, interesse, participação e envolvimento em toda a sua história humana.

### **Cor e banho 25/08**

*Hoje Miguel enquanto tomava banho, olhou para minha mão e falou : - "A sua unha !"*

*Eu imediatamente olhei também e falei para ele: - "Eu pinte!"*

*Ele pergunta: - " É azul?"*

*Eu respondo: - "Não, é preto! Eu pinte de preto. "Aproximando bem de perto para ele ver.*

*Depois na sala, enquanto estávamos sentados na roda observando e identificando as cores das tampinhas de refrigerante. Quando eu mostrei a tampinha na cor preta, o Miguel logo falou: - A sua unha! Eu olhei para a tampinha e em seguida para ele e falei: -É igual a cor da minha unha.*

Reflexão: Miguel fez uma excelente observação, ele prestou atenção na minha unha pelo fato de não ser algo comum, pois eu raramente a pinto. Logo, ele tem um olhar atento, isso é característico de quem observa constantemente, pois desse modo percebe as diferenças. Fez questão de externalizar o que havia identificado. Também comparou e identificou a cor em outro contexto.

Através de uma simples atividade de banho , foi possível aprender sobre cor e levar isso para o momento de outra atividade em sala. Logo, durante um momento de cuidado se construiu uma aprendizagem.

### **Acordando 28/08**

*Há alguns dias venho observando que a Ana Flávia ao ser acordada, começa a chorar. Hoje fiz o processo de maneira mais lenta e individualizada.*

*Sentei-me ao lado dela no colchonete. Comecei a chamando pelo nome -isso é normal para todos- quando ela virou-se para o outro lado no colchonete, eu fiz cócegas em seus pés. Ela abriu os olhos e me fitou com um leve sorriso. Em seguida, convidei-a para se levantar. Mas, a expressão logo mudou-se para choro.*

*Então, peguei-a e coloquei em meu colo, dei-lhe um forte e longo abraço. Depois de alguns talvez segundos ou minutos , falei : - Vamos levantar? Está na hora de acordar, olhe seus amigos acordados.*

*Ela desencostou dos meus ombros e olhou para as outras crianças , olhou para mim e levantou-se.*

Refletindo: Cuidei do outro. Tive que dispor de tempo e paciência para ajudar. Mas, esses são alguns pré requisitos para quem quer estar envolvido com o outro e suas necessidades.

Não sei quais os fatores estavam influenciando aquela situação de choro diário, temos inúmeros para citar. Contudo, mesmo sem encontrar respostas, era preciso agir imediatamente, e não apenas ficar observando e criando hipóteses.

Cuidar realmente dá trabalho, porém só quem o faz é capaz de compreender o que de fato significa a palavra respeito.

### **O castelo 01/09**

*No pátio eu observava o que as crianças faziam sem grandes intervenções. Maria Luíza encontrava-se compenetrada mexendo na areia. Levantou-se e veio até mim e falou: - "Eu fiz um castelo!" E esticando a mão para mim, foi logo me puxando e falando: - "Vem ver, vem ver!"*

*Cheguei diante do buraco -castelo- e perguntei apontando para o mesmo: - "Quem mora nesse castelo?"*

*Ela olhou para o "castelo" e depois para mim e disse: "A princesa!"*

*Eu olhei para ela e acrescentei: -"A princesa Maria Luíza!"*

*Ela sorriu e saiu correndo ao encontro das outras crianças.*

Reflexão: Entrar junto com a criança, mergulhar no seu mundo da imaginação é zelar pela sua inocência e fantasia , tão próprias nessa fase da vida .

Quando me dispus a ouvir e a me interessar pela criação dela, acabei por deixar evidente que cuidar também é participar , é envolvimento com a realidade ali apresentada. Não basta olhar , não basta ouvir, tem que haver um diálogo ativo.

### **O espelho 02/09**

*Hoje resolvi levar o espelho que esta na biblioteca para sala. Assim o fiz, após o momento do lanche, entrei pela sala carregando o grande espelho. Todos de olhos bem arregalados me acompanharam até o local onde coloquei o espelho. Após falar sobre os cuidados que deveríamos ter para que não houvessem acidentes. Sentei-me juntamente com eles na frente do espelho, onde mandamos beijos; demos tchau e falamos que somos bonitos.*

*Ainda sentada entreguei pentes e escovas de cabelo para cada um, para que se penteassem, mas eu virei o alvo. Todos queriam me pentear. Eu permiti.*

*João Pedro Lira falou: - Vamos te deixar bonita!*

*Eu respondi:- Cdê o xampu?Lava meu cabelo com xampu!*

*João Pedro Lira: - Fecha os olhos, vai arder!*

*E essa dinâmica de pentear-me perdurou-se ainda por mais alguns minutos, com outras penteadas e escovada de um e de outro.*

XXXXXXXXXX

*Observei outros momentos individuais de algumas crianças diante do grande espelho.*

*Erick, fez várias posições com o pente sobre seu cabelo em frente ao espelho. A cada mudança ele sorria para sua própria imagem. Ele estava se admirando. Em alguns momentos eu o elogiava, dizendo que estava bonito.*

XXXXXXXXXX

*A Ana Flávia, pegou um livro e sentou-se diante do espelho. Iniciou o movimento de contação de história. Ela folheava algumas páginas e falando com a sua imagem refletida no espelho ela mostrava as figuras do livro.*

XXXXXXXXXX

*João Pedro Lira pegou uma touca e colocou em sua cabeça, após ficou de pé se admirando diante do espelho. Fez movimentos como se estivesse desfilar.*

XXXXXXXXXXXX

*Maria Emanuely, pegou uma boneca e se deteve por longo tempo em retratar diante do espelho uma cena de banho e de pentear de cabelos de sua boneca.*

Refletindo: A minha intenção ao levar o espelho para sala, foi a de tratar da questão do cuidado de si, cuidar da aparência. Realmente as crianças entenderam a proposta e foram além, pois

externalizarão outras demandas de cuidado, não só com elas mesmas, mas também com o outro.

Ao verem sua imagem refletida , ouve uma exibição de si e de suas potencialidades, ou seja, queriam se observar e mostrar o que sabiam fazer.

### **Ajuda 04/09**

*Eu encontrava-me sentada no chão da sala. Maria Luíza ao ouvir eu falar que já ia me levantar, correu até mim e prontamente disse: - Eu te ajudo!*

*E tocando em meu braço, fez o movimento de erguer-me. Eu levantei-me bem lentamente, para que ela realmente pensa-se que tinha sustentado o meu peso e me ajudado a levantar.*

*Quando eu fiquei de pé. Olhei para ela e falei : - Obrigado! Ela respondeu-me com um largo sorriso.*

*Reflexão: Cuidar do outro é se prontificar, é estar a disposição para auxiliar mesmo sem ser solicitado. Eu não estava pedindo ajuda. Em nenhum momento relatei alguma dificuldade ou dor para me levantar, mas a Maria Luiza quis me ajudar.*

### **Visitante 08/09**

*Hoje, chegou para ficar comigo á tarde a educadora Alice. Ela veio de outra instituição para cobrir uma falta de funcionário. Ela chegou no momento do sono, logo as crianças não a viram. Quando elas acordaram, esperei que calçassem os seus sapatos e antes de irmos para o refeitório lanchar, eu apresentei a Alice ao grupo. Falei o seu nome e que hoje ela ia ficar conosco e que todos a respeitassem. Pedi para que dessem boa tarde para ela, e assim o fizeram recepcionando a educadora.*

Reflexão: O acolhimento é uma expressão de cuidado. Não apresentá-la iria significar que ela não pertenceria ao grupo, mesmo que porco tempo, tínhamos que convidá-la para fazer parte do nosso espaço. Percebi que desse modo, houve pouca estranheza com relação a ela, além de conseguirem chamar ela pelo nome na maioria das vezes, esse fato se deu por eu fazer a apresentação utilizando o nome e não apelidos ou adjetivos para o seu cargo.

Ressalto que esse momento poderia ter ficado mais rico, se eu também tivesse pedido para que eles também se apresentassem. Não o fiz, devido ao horário apertado para o lanche, mas deveria ter propiciado ao longo da tarde e deixei escapar infelizmente.

### **Batom 09/09**

*Por volta das 11:00, quando abri a porta da sala e entrei. A Ana Júlia imediatamente olhou para mim e falou: - Passou batom?*

*Eu surpresa por ela ter observado , respondi sorrindo: - Passei!*

*Em seguida, abaixei-me até a sua altura e dei um beijo em sua mão, deixando desse modo a marca do batom em sua mão. Levantei-me e ela prosseguiu mostrando para as outras crianças a mão com a marca do beijo.*

Refletindo: O olhar observador tem dessas surpresas. Só quando estamos habituados a olhar o outro percebendo suas singularidades, e não apenas como mais na multidão, somos capazes de perceber as diferenças.

Eu não costumo usar batom, e a Ana Júlia percebeu algo de diferente em mim. E eu nem esperava que fosse partir de uma criança essa observação, que é mais característica de um adulto.

### **O cabelo 09/09**

*No final da tarde, perto de 17:00. Estavam apenas eu e Maria Luiza na sala. De pé, a frente do espelho e de costas para ela comecei a pentear o meu cabelo. Ela silenciosamente me observava, após algum tempo perguntou : - Você cortou o cabelo ?*

*Eu ainda de costas respondi:- Sim, cortei.*

*Ela em seguida pergunta novamente:- A onde? Foi minha avó?*

*Eu viro de frente pra ela e respondo: - No salão, mas não foi sua avó.*

*Depois perguntei: - Sua avó corta cabelo?*

*Ela respondeu: - Sim, lá em casa.*

*Nesse momento chegou alguém para buscá-la e ela foi embora.*

Repensando: Mais um exemplo de observação e atenção da criança para com o adulto. Os nossos pequenos são extremamente cuidadosos conosco, eles demonstram isso a todo instante. Não posso negar que me surpreendo com cada fala, cada observação por mais simples e corriqueira que seja .

### **O casaco 10/09**

*Hoje, próximo do horário da saída - 16:30- estava chovendo e fazendo um pouco de frio. Maria Luiza foi até sua mochila, pegou um casaco rosa e trou-*

*xe até mim, pediu para que eu a ajudasse a se vestir. Assim o fiz, quando terminei ela foi ficar entre as outras crianças.*

*Imediatamente após esse momento a Maria Emanuelly começou a chorar e a apontar para o casaco de Maria Luiza. Eu falei para Maria Emanuelly : - Não é seu , é dela- apontando para a outra-*

*Mas, ela insistiu no choro e agora afirmando que era dela. Eu fui até sua mochila e procurei algum agasalho, mas nada encontrei. Ai mais uma vez, me dirigi a ela e disse:- Você não trouxe casaco, esse é da Maria Luiza.*

*Os pais foram chegando para buscar as crianças. Maria Luiza foi embora primeiro, hoje com outra pessoa e não a avó.*

*Maria Emanuelly permaneceu chorando e dizendo que era dela o casaco. Quando sua avó chegou eu perguntei se ela havia trago algum agasalho na mochila. Para minha surpresa a avó disse que sim, e que era um rosa.*

*Olhei imediatamente para Maria Emanuelly e disse : - Desculpas!*

*Olhei para avó e expliquei que outra criança tinha ido embora com o casaco, mas que no dia seguinte faria a devolução. E que a neta estava chorando por que queria o casaco que foi com a colega. A avó compreendeu e foi embora.*

Repensando: Não acreditei no que Maria Emanuelly estava dizendo. Deixei-me guiar pelo que parecia óbvio e considerei que ela estava mentindo. Quando na verdade, estava a todo tempo chorando por algo que era seu.

Faltou o cuidado e a atenção nessa situação, se realmente não fosse dela, não ficaria tanto tempo chorando e questionando. Reconheci que errei quando pedi desculpas a ela, mas o seu frio não consegui sanar nessa tarde.

## **Bexigas 22/09**

Sentada na área externa da instituição, enchia bexigas e entregava para cada criança. Depois comecei a motivá-las a sentirem o vento, e perceberem que ao soltar a bexiga o vento a levava para

além do muro. Muitas crianças perderam as suas bexigas para o vento e eu enchi outras.

Após o momento com o vento e as bexigas, iniciei uma dobradura com papel ofício que imitava uma "pipa". Em cada papel, eu escrevi com letra bem grande o nome da criança, depois entreguei um a um e motivei mais uma vez a correrem e perceberem o vento. Como as "pipas" se movimentavam em contato com o vento.

Enquanto as crianças corriam de um lado a outro segurando a ponta do barbante e acenando com suas "pipas". O João Pedro Lira, me chamou para mostrar o nome dele que estava escrito no papel. E isso se repetiu por mais duas vezes. Ele não estava correndo como as outras crianças, apenas observava o seu nome escrito no papel.

Repensando: Nosso nome, nossa marca, nossa identidade. Para o João Pedro Lira, o mais importante não estava sendo a brincadeira de contato com o vento, mas sim o seu nome. Esse foi o diferencial para ele. Eu só queria propor uma atividade de contato com esse elemento natural - o vento- de maneira lúdica e simples, porém a identidade também marcou esse momento.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cuidado dentro da Educação Infantil deve ser promotor de um olhar direcionado e questionador sobre o outro ser envolvido na relação. Pois, cuidar do outro requer atenção e dedicação exclusiva as suas necessidades.

A partir da experiência que tive por meio desta pesquisa, pude concretizar através de exemplos da minha própria prática educativa, que o cuidar e o educar caminham juntos, em um relacionamento harmonioso, onde ambos se completam.

Na Educação Infantil o educar deve propiciar situações de cuidado, enquanto o cuidado promove conhecimentos nas diversas dimensões.

E essas percepções eu tive através de ações prática e corriqueiras , como no momento do banho, no sono, durante as refeições e entre idas e vindas a área externa.

Todos nós somos extremamente cuidadosos e compomos esse ciclo vital de cuidados desde a nossa mais terra idade, onde na relação com o outro que cuida de nós, enquanto somos seres indefesos, construímos a nossa própria concepção de cuidado.

Aqui no ISEPS aprendi a dinâmica de cuidar e ser cuidada, isso se constituiu desde o primeiro dia, através do acolhimento ofertado a toda a turma, feito pelos professores e ex alunos, e foi sendo estendido ao longo desses três anos de curso.

No Pró-Saber o cuidado com o outro e com o ambiente é nítido, esse espaço é belo e harmonioso produzindo grandes experiências de contato com a natureza para minha história humana.

Ao passo que nos aproximamos da natureza e de tudo o que ela encerra, nos voltamos para nós mesmos, para a nossa gênese humana.

E, desse modo construímos uma relação de respeito e preservação do nosso meio ambiente.

Só por meio do contato, isto é , através de experiências práticas e diárias que de fato aprendemos a cuidar da natureza.

Os limites estabelecidos pelas paredes das salas e pelos muros da escola precisam ser ultrapassados, para que em nossas pequenas crianças

sejam despertadas o desejo e a paixão de conhecer o mundo, mas não é um conhecimento limitado, mas interventivo, transformador de tudo o que se vê.

Não é conformismo diante da realidade apresentada , mas ação e mudança.

Desse modo, o tema cuidado com foco nessas três dimensões aqui apresentadas : de si, do outro e do ambiente implicam reflexões e ações emergentes em nosso cotidiano infantil.

A mudança que almejamos em nosso planeta, inicia-se portanto nas relações que construímos com os outros, perpassando no nosso modo de observar e de intervir nas situações apresentadas.

Enfim, cuidar na Educação Infantil é ter a possibilidade de germinar uma nova vida social e humana para o mundo.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. **Educação infantil**: discurso, legislação e práticas institucionais. São Paulo: UNE, 2010.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARROS, Manoel. **Memórias Inventadas**: infância. São Paulo: Planeta, 2006.

BÍBLIA SAGRADA. 34. ed. rev. São Paulo: Ave Maria, 1982.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do Humano, compaixão pela Terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referenciais curriculares para a educação infantil**. Volume III: Conhecimento de Mundo. Brasília: MEC/SEF, 1998b.

CARVALHO, A. M. A. **Brincar juntos**: natureza e função da interação entre crianças. In:

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico. 1ª Ed. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

ADES, C. (Org). **Etologia de animais e de homens**. São Paulo: EDUSP, Edicon, 1990.

DIDONET, Vital. Não há educação sem cuidado. Porto Alegre: Artmed. **Revista Pátio. Educação Infantil**. Ano I nº 1, abril/julho 2003.

DIREITOS humanos e geração da paz (online). Disponível em: <<http://fdr.com.br/direitoshumanosegeracaodapaz/wp-content/uploads/2013/03/direitos-humanos-e-gerao-da-paz-fascculo-4.Pdf>>

DOLTO, F. **As etapas decisivas da infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FALK, Judit (org). **Educar os três primeiros anos**: a experiência de Lóczy. Araraquara: JM Editora, 2004.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática de liberdade(1984). In: FOUCAULT, Michel. **Direitos e escritos**. volume V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 b.

\_\_\_\_\_. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004 a .

FREINET, Celestin. **Pedagogia do bom senso**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FREIRE, Madalena. **A Paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

\_\_\_\_\_. **Educador**: educa a dor. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

\_\_\_\_\_. Observação, registro e reflexão. Instrumentos Metodológicos. I. 2ª ED. São Paulo : Espaço Pedagógico, 1996.

\_\_\_\_\_. Sobre os instrumentos metodológicos na concepção democrática de educação. Rio de Janeiro: Comunidade Pró - Saber, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Psicologia clínico-comunitária**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2012.

GOUVEA, Maria José; TIRIBA, Léa (orgs). **Educação Infantil**: um projeto de reconstrução coletiva. Rio de Janeiro: SESC/ARRJ, 1998.

GRAHN, P. The Importance of Green Urban Areas for People's Well-being. **European Regional Planning**, n. 56, p. 89 -112, 1994.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 1990.

GUIMARÃES, Daniela. **Educação de Corpo Inteiro**, Ano XVIII boletim 04 - Abril de 2008. Disponível em <http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/181924Corponaescola.pdf>

\_\_\_\_\_. Educação infantil: espaços e experiências. In: CORSINO, Patricia (Org). **Educação infantil**: cotidianos e políticas. Campinas: Autores associados, 2012.

\_\_\_\_\_. **Relações entre bebês e adultos na creche**: o cuidado como ética. São Paulo: Cortez, 2011.

GUIMARÃES, M. (org. ). **Os caminhos da educação ambiental**: da forma a ação. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

HISTÓRIA do cuidado (vídeo). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hxFrwMeQNYU>

KRAMER, Sonia (org). **Profissionais de educação infantil em formação**. São Paulo: Ática, 2005.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. Campinas: Editorial Psy II, 2002.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, DF. Unesco, 2000.

OLIVEIRA, Anne Marie. **Célestin Freinet**: raízes sociais e políticas de uma proposta pedagógica. Rio de Janeiro: Escola de Professores, 1995.

REVISTA Pátio. Ano VIII. Número 25. Outubro/Dezembro 2010.

ROSSETI, Ferreira , et al. **Os prazeres na Educação Infantil**. 2ª edição revista e ampliada. SP: Cortez.

TIRIBA, Lea. **Buscando Caminhos Para a Pré - Escola Popular**. Rio de Janeiro: Ática, 1992

\_\_\_\_\_. **Ciências, natureza e educação infantil**. Tese de Doutorado, PUC-Rio, 2005.

\_\_\_\_\_. Crianças, natureza e educação infantil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29, 2006, Caxambu: Anais GT7. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT07-2304--Int.pdf>

\_\_\_\_\_. **Educar e cuidar**: buscando a teoria para compreender discursos e práticas. In. Reinventando relações entre seres humanos e natureza nos espaços de educação infantil. **Revista Presença Pedagógica**. Belo Horizonte: Dimensão, v. 13, N. 76. jul. /ago. 2007.